

# **FORMA E EXEGESE**

1935

**E**

# **ARIANA, A MULHER**

1936

# **VINICIUS DE MORAES**

**COLEÇÃO  
VINICIUS DE MORAES  
COORDENAÇÃO  
EDITORIAL  
EUCANAÃ FERRAZ**

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by V. M. Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

warrakloureiro

Imagens de capa

*Homens* © Herbert List / Magnum Photos / LatinStock. Alemanha, 1933

*Manequim de costura* © Herbert List / Magnum Photos / LatinStock,

Londres, Inglaterra, 1936

Pesquisa

Eucanaã Ferraz

Daniel Gil

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Moraes, Vinicius de, 1913-1980.

Forma e exegese e Ariana, a mulher / Vinicius de Moraes. —

São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1890-8

1. Poesia brasileira I. Título. II. Título: Ariana, a mulher.

11-06160

CDD-869.g1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.g1

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: [11] 3707 3500

Fax: [11] 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## SUMÁRIO

### **FORMA E EXEGESE** 9

#### **I**

O olhar para trás 17

Sursum 21

Ilha do Governador 23

O prisioneiro 25

O bom ladrão 26

Ausência 28

#### **II**

O Incriado 31

A volta da mulher morena 38

A queda 39

O cadafalso 40

A mulher na noite 42

Agonia 43

#### **III**

A Legião dos Úrias 47

A última parábola 51

Alba 53

Uma mulher no meio do mar 55

O escravo 56

O outro 59

A música das almas 62

#### **IV**

O bergantim da aurora 65

A impossível partida 70

Três respostas em face de Deus 72

Variações sobre o tema da essência 74

A lenda da maldição 80

#### **V**

Os malditos 83

O nascimento do homem 87

A criação na poesia 92

## **ARIANA, A MULHER**

Ariana, a mulher 97

## **postácio**

Uma poesia subjuntiva,  
por Noemi Jaffe 109

## **arquivo**

A transfiguração da montanha,  
por Otávio de Faria 117

Duas constantes de *Forma e exegeze*,  
por Thiers Martins Moreira 126

**cronologia** 135

**créditos das imagens** 143

## O OLHAR PARA TRÁS

Nem surgisse um olhar de piedade ou de amor  
Nem houvesse uma branca mão que apaziguasse minha  
[fronte palpitante...  
Eu estaria sempre como um círio queimando para o céu  
[a minha fatalidade  
Sobre o cadáver ainda morno desse passado adolescente.

Talvez no espaço perfeito aparecesse a visão nua  
Ou talvez a porta do oratório se fosse abrindo misteriosamente...  
Eu estaria esquecido, tateando suavemente a face do filho morto  
Partido de dor, chorando sobre o seu corpo insepultável.

Talvez da carne do homem prostrado se visse sair uma sombra  
[igual à minha  
Que amasse as andorinhas, os seios virgens, os perfumes  
[e os lírios da terra  
Talvez... mas todas as visões estariam também em minhas  
[lágrimas boiando  
E elas seriam como óleo santo e como pétalas se derramando  
[sobre o nada.

Alguém gritaria longe: — “Quantas rosas nos deu a primavera!...”  
Eu olharia vagamente o jardim cheio de sol e de cores noivas  
[se enlaçando  
Talvez mesmo meu olhar seguisse da flor o voo rápido de um  
[pássaro  
Mas sob meus dedos vivos estaria a sua boca fria e os seus  
[cabelos luminosos.

Rumores chegariam a mim, distintos como passos  
[na madrugada  
Uma voz cantou, foi a irmã, foi a irmã vestida de branco!  
[— a sua voz é fresca como o orvalho...  
Beijam-me a face — irmã vestida de azul, por que estás triste?  
Deu-te a vida a velar um passado também?

Voltaria o silêncio — seria uma quietude de nave em  
[Senhor Morto  
Numa onda de dor eu tomaria a pobre face em minhas mãos  
[angustiadas  
Auscultaria o sopro, diria à toa — Escuta, acorda  
Por que me deixaste assim sem me dizeres quem eu sou?

E o olhar estaria ansioso esperando  
E a cabeça ao sabor da mágoa balançando  
E o coração fugindo e o coração voltando  
E os minutos passando e os minutos passando...

No entanto, dentro do sol a minha sombra se projeta  
Sobre as casas avança o seu vago perfil tristonho  
Anda, dilui-se, dobra-se nos degraus das altas escadas  
[silenciosas  
E morre quando o prazer pede a treva para a consumação  
[da sua miséria.

É que ela vai sofrer o instante que me falta  
Esse instante de amor, de sonho, de esquecimento  
E quando chega, a horas mortas, deixa em meu ser uma  
[braçada de lembranças  
Que eu desfolho saudoso sobre o corpo embalsamado  
[do eterno ausente.

Nem surgisse em minhas mãos a rósea ferida  
Nem porejasse em minha pele o sangue da agonia...  
Eu diria — Senhor, por que me escolheste a mim que sou  
[escravo  
Por que me chagaste a mim cheio de chagas?

Nem do meu vazio te criasses, anjo que eu sonhei de  
[brancos seios  
De branco ventre e de brancas pernas acordadas  
Nem vibrasses no espaço em que te moldei perfeita...  
Eu te diria — Por que vieste te dar ao já vendido?

Oh, estranho húmus deste ser inerte e que eu sinto latente  
Escorre sobre mim como o luar nas fontes pobres  
Embriaga o meu peito do teu bafo que é como o sândalo  
Enche o meu espírito do teu sangue que é a própria vida!

Fora, um riso de criança — longínqua infância da hóstia  
[consagrada  
Aqui estou ardendo a minha eternidade junto ao teu corpo  
[frágil!  
Eu sei que a morte abrirá no meu deserto fontes maravilhosas  
E vozes que eu não sabia em mim lutarão contra a Voz.



Agora porém estou vivendo da tua chama como a cera  
O infinito nada poderá contra mim porque de mim quer tudo  
Ele ama no teu sereno cadáver o terrível cadáver que eu seria  
O belo cadáver nu cheio de cicatriz e de úlceras.

Quem chamou por mim, tu, mãe? Teu filho sonha...  
Lembras-te, mãe, a juventude, a grande praia enluzada...  
Pensaste em mim, mãe? Oh, tudo é tão triste  
A casa, o jardim, o teu olhar, o meu olhar, o olhar de Deus...

E sob a minha mão tenho a impressão da boca fria murmurando  
Sinto-me cego e olho o céu e leio nos dedos a mágica lembrança  
Passastes, estrelas... Voltais de novo arrastando brancos véus  
Passastes, luas... Voltais de novo arrastando negros véus...

## SURSUM

Eu avanço no espaço as mãos crispadas, essas mãos juntas  
[— lembras-te? — que o destino das coisas separou  
E sinto vir se desenrolando no ar o grande manto luminoso  
[onde os anjos entoam madrugadas...  
A névoa é como o incenso que desce e se desmancha  
[em brancas visões que vão subindo...  
— Vão subindo as colunas do céu... (cisnes em multidão!)  
[como os olhares serenos estão longe!...  
Oh, vitrais iluminados que vindes crescendo nas brumas da  
[aurora, o sangue escorre do coração dos vossos santos  
Oh, Mãe das Sete Espadas... Os anjos passeiam com pés  
[de lã sobre as teclas dos velhos harmônios...  
Oh, extensão escura de fiéis! Cabeças que vos curvaís  
[ao peso tão leve da gaze eucarística  
Ouvís? Há sobre nós um brando tataral de asas enormes  
O sopro de uma presença invade a grande floresta  
[de mármore em ascensão.  
Sentís? Há um olhar de luz passando em meus cabelos,  
[agnus dei...  
Oh, repousar a face, dormir a carne misteriosa dentro  
[do perfume do incenso em ondas!

No branco lajedo os passos caminham, os anjos farfalham  
[as vestes de seda  
Homens, derramai-vos como a semente pelo chão!  
[O triste é o que não pode ter amor. . .  
Do órgão como uma colmeia os sons são abelhas eternas  
[fugindo, zumbindo, parando no ar  
Homens, cresci da terra como as sementes e cantai velhas  
[canções lembradas. . .  
Vejo chegar a procissão de arcanjos — seus olhos fixam  
[a cruz da consagração que se iluminou no espaço  
Cantam seus olhos azuis, *tantum ergo!* — de suas cabeleiras  
[louras brota o incêndio impalpável da destinação  
Queimam. . . alongam em êxtase os corpos de cera,  
[e crepitando serenamente a cabeça em chamas  
Voam — sobre o mistério voam os círios alados cruzando o ar  
[um frêmito de fogo! . . .  
Oh, foi outrora, quando nascia o sol — Tudo volta, eu dizia —  
[e olhava o céu onde eu não via Deus suspenso  
[sobre o caos como o impossível equilíbrio  
Balançando o imenso turíbulo do tempo sobre a inexistência  
[da humana serenidade.